

Peronismo e cultura: o jornal *La Prensa* sob controle da CGT (1951-1955).

PAULO RENATO DA SILVA *

Peronismo, cultura e historiografia.

Para Michel de Certeau, política cultural é “(...) um conjunto mais ou menos coerente de objetivos, de meios e de ações que visam à modificação de comportamentos, segundo princípios ou critérios explícitos.” (CERTEAU, 1995: 195).

A política cultural peronista e a produção cultural durante o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) permanecem secundárias na historiografia sobre o peronismo. Em um estudo considerado pioneiro sobre a revista cultural argentina *Sur*, lançado somente em 1986 e em inglês, John King apontou que o peronismo “(...) permanece em gran parte inexplorado en el campo cultural (...)” (KING, 1989: 17).

Na segunda edição de *Mañana es San Perón*, publicada em 1993, Mariano Ben Plotkin também aponta essa lacuna: segundo o autor, até o começo da década de 1990, os “(...) aspectos simbólicos del peronismo recién comenzaban a ser explorados.” (PLOTKIN, 2007: 11).

Em um artigo de 2005, no qual comparou os governos de Vargas e Perón, Flavia Fiorucci defendeu que o peronismo tinha desinteresse pela cultura:

La ausencia de una figura como la de Capanema en el gobierno de Perón nos revela la falta de interés por integrar a los intelectuales a su proyecto político (...). (...). La identidad obrera de este movimiento y el carácter autoritario del régimen son centrales a la hora de comprender la falta de interés en la alta cultura y en sus propios cuadros intelectuales. (...). Buscaba recomponer la relación de fuerzas en la sociedad, y en el nuevo esquema ni los intelectuales ni la cultura de élite eran importantes. Perón desconfiaba de los intelectuales y del mundo de las ideas en general, al cual anteponeía la acción. (FIORUCCI, 2005: 11).

Porém, em um artigo mais recente, publicado em 2008, Fiorucci apresenta uma mudança, também em curso na historiografia. Ao contrário do que especialistas apontaram por décadas, o governo de Perón teve, sim, uma política cultural:

* Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) – Foz do Iguaçu (PR) e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: <paulo.silva@unila.edu.br>.

(...) este gobierno (...) llevó adelante un conjunto de transformaciones en el terreno de la administración cultural. (...) el Estado incorporó una serie de dependencias para coordinar la administración de la cultura (...) e incrementó notablemente el gasto público en cultura. (FIORUCCI, 2008).

Uma das primeiras tentativas de se explicar o apoio de setores populares ao peronismo priorizando aspectos culturais foi feita por Alberto Ciria em *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. O autor destaca, por exemplo, que o governo promovia espetáculos gratuitos sobre temas folclóricos/rurais em redutos tradicionais da elite como o Teatro Colón de Buenos Aires. O apoio ao peronismo estaria relacionado, assim, à apropriação simbólica de espaços urbanos, a qual demonstraria a ascensão social dos setores populares. (CIRIA, 1983). Apesar de sua importante contribuição, o autor se detém na adesão ao peronismo e deixa em segundo plano as tensões entre governo e setores populares. Além disso, enfatiza o folclórico/rural como o elemento central do “popular” na Argentina de meados do século XX e desconsidera outras matrizes.

Em uma perspectiva semelhante à de Ciria, Mariano Plotkin, no citado *Mañana es San Perón*, explica o apoio ao peronismo pela construção simbólica de espaços urbanos como praças e de eventos públicos como o 1º de maio, os quais, segundo o governo, eram marcados por encontros harmoniosos entre Perón e os setores populares. O autor destaca, também, a apropriação do passado nacional pelo governo de Perón: os descamisados seriam herdeiros das *puebladas* e *montoneras* do século XIX.

Diferentemente de Ciria, Plotkin dá maior ênfase a empecilhos encontrados pelo governo de Perón para alcançar o consenso buscado pela propaganda política e pela interferência em instituições diversas como a escola. O autor considera, por exemplo, que Perón não podia ignorar o peso da tradição liberal-democrática argentina, principalmente depois da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

Aunque Perón ciertamente no era liberal, tampoco tenía intenciones (al menos en un principio) de dissociarse de la tradición liberal que, luego del triunfo aliado en la guerra, podía reclamar una vez más su lugar como la “verdadera” tradición del país. (PLOTKIN, 2007: 63).

Entretanto, em algumas passagens, Plotkin dissocia, afasta os setores populares da tradição liberal-democrática. Por exemplo, o autor destaca que Perón, diante da oposição da maioria dos empresários, radicalizou o discurso e adotou um

posicionamento mais autoritário para se consolidar entre os trabalhadores. De acordo com Plotkin, essa radicalização representou uma passagem do “político” ao “social”, na qual o governo passou a enfatizar que a democracia liberal seria incapaz de garantir a justiça social. Portanto, as resistências ao governo de Perón teriam se concentrado nos setores médios e altos da sociedade argentina. Nesse ponto, a análise de Plotkin alimenta a imagem da política argentina e latino-americana como atrasadas, distorcidas, incompletas em relação à dos Estados Unidos e da Europa, pois os setores populares do país e do continente seriam despreparados para a vida democrática.

Em *Multidões em cena* (1998), Maria Helena Rolim Capelato estuda a propaganda política peronista e suas estratégias em busca de consenso, de harmonia social. Apesar de, como Plotkin, destacar a existência de tensões, a autora considera que a propaganda política foi fundamental para conter confrontos políticos e sociais e ajudou a construir a memória – predominantemente positiva – que existe sobre o governo de Perón na Argentina. Permanecem em segundo plano os embates entre governo e setores populares, assim como de Perón com sua própria base partidária sobre o conteúdo e os mecanismos da propaganda política.

Nesta comunicação, analisamos alguns dos principais temas culturais presentes no jornal argentino *La Prensa* entre 1951 e 1955, período no qual esteve sob controle da Confederação Geral do Trabalho (CGT). Em 1951, o jornal liberal e antiperonista *La Prensa*, um dos mais antigos e importantes do país, foi expropriado pelo governo de Perón. No mesmo ano foi entregue à CGT, a central sindical aliada de Perón que comandou a intensa sindicalização dos trabalhadores argentinos durante o seu governo. A entrega de um dos principais representantes da tradição liberal-democrática do país para a central sindical aliada do governo indica a necessidade de se apropriar de elementos desta tradição inclusive para conquistar ou consolidar o apoio de setores populares, ao contrário do sugerido por trabalhos como o de Plotkin. Nesse período, ainda que instituições, escritores e intelectuais alinhados com o governo tenham tido um espaço maior, eram constantes no jornal as referências a entidades e autores relacionados com a tradição liberal-democrática.

Assim, o *La Prensa* foi incorporado à política e produção cultural peronista. A existência dessa política cultural sugere que a distância entre os setores populares e a produção cultural era menor do que geralmente se pensa, pois o peronismo se

apresentava como representante destes setores. Neste trabalho, pensamos produção cultural a partir do que Michel de Certeau entende por atividade cultural. “A *atividade cultural* situa a atividade em uma cultura aceita e patenteada (...), isto é, na “cultura erudita” (...) [grifo do autor].” (CERTEAU, 1995: 195). Logo, questionamos a relação do “popular” necessariamente com o folclórico/rural e a oralidade, como se sobressai em autores como Ciria. As dificuldades de se apreender o que seria o “popular” na Argentina de meados do século XX podem ser encontradas nas divergências existentes entre os próprios peronistas sobre os rumos de sua política e produção cultural. Consideramos pertinente a proposta de Beatriz Sarlo, para quem a Argentina deve ser pensada como uma “cultura de mescla”:

(...) [em uma cultura de mescla] *coexisten elementos defensivos y residuales junto a los programas renovadores (...). (...). La mezcla es uno de los rasgos menos transitorios de la cultura argentina: su forma ya ‘clásica’ de respuesta y reacondicionamiento* [grifo meu]. (SARLO, 1999: 28-29).

Em suma, o *La Prensa* sob o controle da CGT permite explorar as tensões que existiam entre os próprios peronistas e questionar que a tradição liberal-democrática argentina tenha entrado em crise já na década de 1930, o que teria se aprofundado com a eleição de Perón em 1946. No que se refere à relação entre setores populares e tradição liberal-democrática no país e na América Latina, a análise do jornal alerta sobre a necessidade de se dar historicidade a esta relação, destacando momentos de menor, mas também de maior proximidade entre os setores populares e os princípios liberal-democráticos. Desse modo, a análise do *La Prensa* permite um contraponto a perspectivas que, carentes de base documental, homogeneízam *a priori* o continente quanto à inviabilidade ou fragilidade desses princípios na região.

Peronismo e política/produção cultural no *La Prensa* sob controle da CGT: antiperonistas em “território” peronista.

CONFERENCIAS

Las disertaciones de hoy

(...).

“*Los filósofos ingleses: Locke y Berkeley*”, por Jorge L. Borges, a las 19, en la Asociación Argentina de Cultura Inglesa, Juncal 851. (*La Prensa*, 5/7/1954).

O anúncio da conferência do escritor argentino e antiperonista Jorge Luis Borges pelo *La Prensa* não chamaria a atenção caso o jornal não estivesse desde 1951 sob o controle, ainda que indireto, do governo de Perón. Por que um jornal administrado por uma central sindical aliada de um governo nacionalista anunciaria uma conferência de um opositor como Borges e ainda por cima sobre Filosofia inglesa?

Isso não quer dizer que Borges fosse uma leitura recorrente entre os trabalhadores ou que suas conferências fossem assistidas por este público. No entanto, o anúncio da conferência indica que o governo optou por não ignorar ou suprimir completamente as atividades do escritor, já uma das principais referências da Literatura argentina, apesar do aumento do autoritarismo ocorrido, sobretudo, no segundo mandato de Perón, iniciado em 1952: ainda que o governo não se pautasse necessariamente por princípios liberal-democráticos, assim procurava se apresentar diante da opinião pública. Se, apesar do crescimento da tensão política, o jornal abria espaços, ainda que mínimos e esporádicos, a opositores, é preciso reavaliar a suposta crise da tradição liberal-democrática durante o governo de Perón, assim como a produção cultural do período, não restrita às investidas governamentais. Como colocam Belsunce e Floria, “(...) ciertos valores del liberalismo político subsistían a través de ideas y de creencias – vinculado o no con el liberalismo económico – entre la mayoría de los argentinos.” (BELSUNCE; FLORIA, 1992: 382).

Essa não foi a única conferência de Borges anunciada no *La Prensa*. A conferência fazia parte de um ciclo sobre Filosofia inglesa promovido pela Associação Argentina de Cultura Inglesa, o qual teve continuidade no dia 12 de julho de 1954 com uma conferência sobre David Hume, no dia 19 com uma sobre F. H. Bradley e no dia 2 de agosto com uma sobre Bertrand Russel. Todas essas conferências foram dadas por Borges.

Ainda em 1954, encontramos no *La Prensa* anúncios de outras conferências de Borges: em 1º de julho é divulgada uma sobre místicos do Oriente na Sociedade Argentina de Escritores (SADE) e, em 6 de setembro, uma sobre Flaubert no Instituto Francês de Buenos Aires. Aliás, a SADE foi um dos principais núcleos antiperonistas no meio intelectual argentino e, além da conferência de Borges sobre místicos do Oriente, teve outras atividades divulgadas pelo jornal, como veremos a seguir.

Além disso, Borges não foi o único escritor de oposição que teve conferências

anunciadas no jornal. Para mencionar apenas um exemplo, em 29 de maio de 1954 encontramos o anúncio de *Por qué y como se escribe una novela*, dada pelo então antiperonista Ernesto Sábato na Agrupación Impulso.

Outras conferências valem ser citadas. No *La Prensa* de 4 de junho de 1955 é anunciada uma de René Marill Albérès sobre Camus no Instituto Francês de Buenos Aires. Em 10 de agosto do ano anterior vemos que a conferencista falou sobre Sartre na Aliança Francesa. No mesmo dia Sartre ainda foi tema de uma conferência dada por Simone Gama no Instituto Francês de Buenos Aires.

Por falar em Camus e Sartre, o *La Prensa* também abriu espaço para o conhecido rompimento entre os escritores. Em 11 de outubro e 29 de dezembro de 1953, o jornal destaca a polêmica entre Camus e Sartre como um dos temas do segundo número da revista *Capricornio* (1953-1954). O destaque dado ao segundo número da *Capricornio* no *La Prensa* chama a atenção, ainda, pela ligação do periódico, dirigido por Bernardo Korn, com o Partido Comunista, ainda que não fosse uma publicação oficial do partido.

Tampouco a SADE teve apenas conferências dadas por Borges anunciadas no *La Prensa*. Encontramos desde conferências sobre Literatura – como *La técnica literaria y sus problemas*, dada por Carmelo M. Bonet em 14 de junho e 5 de julho de 1954 – até outras referentes à tradição liberal argentina – como “*La Gaceta*” de Buenos Aires y la *prédica de Mayo*, dada por Juan Cánter em 2 de junho do mesmo ano. No caso da SADE vemos, inclusive, o anúncio de duas conferências em um mesmo dia. A conferência de Carmelo M. Bonet em 5 de julho foi precedida por uma de Miguel A. Oliveira, *El verso en el teatro*. Conferências duplas sobre temas relacionados não eram incomuns no ambiente cultural argentino daquele período. Por exemplo, em 19 de julho e 2 de agosto de 1954, antes das conferências de Borges sobre F. H. Bradley e Bertrand Russell na Associação Argentina de Cultura Inglesa, Anne Crowter Randle dissertou sobre a História britânica.

Outro nome estrangeiro destacado pelo jornal é o da poetisa chilena e de esquerda Gabriela Mistral. Na Segunda Guerra Mundial, a poetisa apoiou publicamente os Aliados contra o Eixo. Além disso, era amiga de Victoria Ocampo, proprietária e diretora da revista cultural argentina *Sur*, outro conhecido núcleo antiperonista daqueles anos. A propósito, Mistral denunciou internacionalmente a prisão de Victoria Ocampo

pelo governo de Perón em 1953.

Em 22 de fevereiro de 1953 foi publicado o poema *El niño solo* de Mistral, pertencente ao livro *Desolación*. A poetisa é apresentada como “mundialmente conhecida” e são mencionados o Prêmio Nobel de Literatura recebido em 1945 e o comentário elogioso do crítico espanhol Federico de Onís, para quem Mistral era “grande em tudo”.

Em 29 de dezembro de 1953, o *La Prensa* publica um artigo longo, considerando-se os padrões do jornal, intitulado *¿Cómo escribe sus poesías Gabriela Mistral?* Partindo de uma conferência dada pela poetisa em Montevidéu em 27 de janeiro de 1938, o artigo explora como Mistral comporia suas poesias, conforme sugere o título. De uma maneira geral, a poetisa criaria os seus versos entre o imprevisto e a escrita planejada.

Em 6 de setembro de 1954, o *La Prensa* publica uma nota anunciando que Mistral passaria a ser presidenta honorária do Instituto Chileno-Mexicano de Cultura, localizado em Santiago.

Desse modo, foram abertos espaços à poetisa mesmo após Mistral ter sido uma das principais denunciadoras da prisão de Victoria Ocampo. A discordância em relação à trajetória política da poetisa, por sua vez, pode ser observado no silêncio a respeito deste aspecto de sua vida e produção. Apesar dessa discordância, acreditamos que o Prêmio Nobel de Literatura dado a Mistral em 1945 ajuda a explicar esses espaços abertos pelo jornal à poetisa. Apesar de divergências políticas com nomes como Mistral, publicações culturais ligadas ao governo de Perón, talvez em busca de reconhecimento, não romperam com instrumentos tradicionais de legitimação como o Prêmio Nobel de Literatura. O mesmo pode ser dito em relação aos anúncios de conferências de opositores em instituições reconhecidas como a SADE.

Por falar em Victoria Ocampo, o poeta hindu Rabindranath Tagore, outro nome relacionado à proprietária da *Sur*, aparece de forma positiva em pelo menos quatro oportunidades no *La Prensa* entre 1953 e 1955.¹ Ocampo hospedou o poeta durante sua viagem a Buenos Aires em 1925 e a editora Sur publicou alguns de seus livros. Os textos do jornal ressaltam sua linguagem acessível, sua espiritualidade, sua defesa da

¹ Consultar edições de 11 de janeiro de 1953, 18 de fevereiro de 1953, 23 de agosto de 1954 e 12 de agosto de 1955.

paz e, curiosamente, suas críticas ao nacionalismo, apesar deste ser um dos principais elementos do discurso peronista. Segundo Tagore, o nacionalismo seria uma “paixão cega”, a qual se chocaria com os interesses da humanidade: “*Sería un insulto a la humanidad (...) que yo emplease la energía sagrada de mi indignación moral con el propósito de desatar una pasión ciega por toda mi patria [grifos meus]*”. (BENÍTEZ DE CASTRO, 1954).

Para mencionar mais alguns exemplos de citações a nomes não alinhados com o governo, Bioy Casares recebeu uma resenha positiva de *El sueño de los héroes* em 16 de janeiro de 1955. Prêmios de literatura como o Grande Prêmio de Honra da SADE, criados para fazer frente ao tom nacionalista dos prêmios oficiais, também eram noticiados pelo jornal. A coluna “Libros Recibidos”, por sua vez, acusava o recebimento de obras de autores antiperonistas como Borges, Bioy Casares, Silvina Ocampo – irmã de Victoria –, Ezequiel Martínez Estrada² e Manuel Mujica Láinez, dentre outros.

Cabe aprofundar essa abertura a nomes ligados à oposição. Alguns deles não se apresentavam apenas como antiperonistas, mas, desde a Segunda Guerra Mundial, se consideravam, no país, representantes da democracia que, no âmbito internacional, tinha lutado contra e derrotado o nazi-fascismo, ao qual, vale lembrar, associavam Perón. Em *Acción Argentina*, Andrés Bisso destaca a mobilização inclusive popular promovida por grupos pró-Aliados na Argentina durante a guerra, os quais, apesar da vitória eleitoral de Perón em 1946, teriam ajudado a consolidar e legar uma tradição marcada por princípios liberal-democráticos. Dentre as razões que teriam possibilitado essa capacidade de mobilização, o autor cita a associação que esses grupos fizeram entre a tradição liberal-democrática e o nascimento da Argentina como país independente. Formou-se assim uma disputa sobre qual dos lados em guerra representaria os verdadeiros interesses nacionais.

Peronismo e tradição liberal-democrática argentina: a apropriação de Sarmiento.

Após a derrota do Eixo na guerra, uma tensão marca Perón: oriundo de grupos

² Após a queda de Perón em 1955, Martínez Estrada se mantém crítico quanto à figura do ex-presidente, mas passa a considerar que o peronismo deu a noção de direitos aos setores populares.

antiliberais, assume a presidência através de eleições e em uma época de entusiasmo internacional com a democracia, razão pela qual procura se apropriar da tradição liberal-democrática. Além da abertura a nomes ligados à oposição, isso pode ser notado, por exemplo, na maneira como a memória de Domingo Faustino Sarmiento está presente no jornal controlado pela CGT. O ex-presidente Sarmiento (1868-1874), autor do clássico *Facundo* (1845), é considerado um dos principais representantes da tradição liberal-democrática argentina. Em 15 de fevereiro de 1953, o *La Prensa* publicou o artigo *Evocación de Sarmiento*, de Juan Romulo Fernandez. A exemplo da visão predominante entre os liberais, Sarmiento é apresentado como um civilizador. Entretanto, ao contrário do recorrente entre os liberais, o autor aproxima o projeto civilizatório de Sarmiento de pontos presentes no discurso peronista. Em primeiro lugar, Fernandez destaca que Sarmiento teve uma origem popular. “Cómo que venía de la entraña oscura del pueblo, y la pobreza y la ignorancia le cerraron todos los caminos, él los abriría a codazos.” (FERNANDEZ, 1953). Essa imagem dos setores populares superando as barreiras sociais e culturais era bastante presente no discurso peronista.

Sarmiento não teria somente tido uma origem popular, mas teria se mantido em contato com os setores populares. Nas palavras de Fernandez, Sarmiento “(...) esgrime ideas para esclarecer conceptos en la masa”, motivo pelo qual teria sido um civilizador. Outra passagem do artigo também aproxima, ainda que indiretamente, o peronismo do legado de Sarmiento. De acordo com Fernandez, Sarmiento foi um continuador de San Martín. Um dos personagens históricos favoritos de Perón era, justamente, San Martín, de quem se colocava como um continuador. Assim, Sarmiento também pertenceria à obra desenvolvida pelo governo de Perón.

Fernandez cita, ainda, que um dos principais legados de Sarmiento foi a unidade nacional. Nesse ponto podemos notar outro paralelo traçado implicitamente com Perón. Se durante o governo de Perón a unidade dos argentinos precisava da conciliação entre as classes, na época de Sarmiento residiu na paz entre as províncias. É interessante que Sarmiento não seja relacionado às guerras civis do XIX em nenhuma passagem do artigo, apesar de sua forte defesa da causa unitária:

No olvidemos que cuando la lucha entre los caudillos, que se prolongaba por más de treinta años, estuvo a punto de dar por tierra con la unidad nacional, Sarmiento, para poner en salvo el pabellón, se proclamó “porteño en las provincias, provinciano en Buenos Aires, argentino en todas partes.

A questão do nacional em Sarmiento também é desenvolvida de maneira interessante por Fernandez. Não é estabelecida qualquer relação entre Sarmiento e interferências econômicas e culturais estrangeiras sofridas pela Argentina, ao contrário do que se observa em grupos mais nacionalistas. “Todo lo bueno que halló en sus viajes quiso *adaptarlo* a su patria [grifo meu].” Além disso, o valor de Sarmiento estaria baseado, sobretudo, na universalidade de sua obra. “Sarmiento es una idea transformadora que ha sido comprendida en todas las lenguas. En la historia universal adquiere el significado de un pensamiento en acción.”

O artigo de Fernandez não foi uma exceção no *La Prensa* sob controle da CGT. Em outros textos publicados pelo jornal também observamos uma tentativa de apropriação da memória de Sarmiento. Apenas para citar dois breves exemplos, em 12 de setembro de 1954, Oscar Ferri se referiu a Sarmiento como “obrero” e não é demais lembrar que Perón se apresentava como “o primeiro trabalhador argentino”. No mesmo dia, também não é causal que Alberto P. Cortazzo tenha chamado Sarmiento de “condutor de massas”.

Para concluir esta parte, cabe ressaltar a ressonância popular do nome de Sarmiento: em 1943, a Conferência Interamericana de Educação declarou o 11 de setembro, data de sua morte, como o Dia do Professor, o que permanece na Argentina.

O que é “o nacional”?

Além da presença de nomes ligados à oposição e da tentativa de apropriação de próceres da tradição liberal-democrática como Sarmiento, um terceiro fator precisa ser considerado para se compreender estas menções variadas no *La Prensa* sob o controle da CGT: não existia consenso entre os peronistas sobre o que seria “o nacional” e a formação a ser dada aos setores populares.

Vale comentar, por exemplo, a crítica de José Antonio Güemes feita no jornal aos intelectuais que se consideravam representantes do folclore/rural, os quais padeceriam de “ilegítima seriedade”, vestiriam um “disfarce” carnavalesco, pois seriam “(...) los que añoran el chiripá pero usan casimires importados; hablan de autoctonismo pero nunca se alejaron del asfalto (...)” (GÜEMES, 1954). Por outro lado, quando se refere aos intelectuais americanistas, defende que seria um equívoco desprezar tudo o

que fosse relacionado à Europa. Güemes considera que o nacional seria composto por uma síntese entre cinco correntes de pensamento, a hispanófila, a europeizante, a americanista, a cosmopolita e a folclórica: o nacional seria formado pelo que cada uma considerasse representativo da Argentina. Assim, para o autor, o nacional e o universal não seriam incongruentes:

Cuando todo se valore por la finalidad, la intención y la universalidad y no por lo aparente, lo transitorio y lo secundario. Cuando el concepto de “copia fiel” sea reemplazado por el de asimilación lógica y elaboración natural. Solamente así se evitará el ridículo del criollo afrancesado y el carnaval del argentino aindiado (...) [grifo meu].

A representatividade dessa visão pode ser observada em 10 de fevereiro de 1954, quando, no jornal, Cátulo G. Castillo, presidente da Comissão Nacional de Cultura, ligada ao governo, aponta a análise de Güemes como um dos feitos do *La Prensa* sob o controle da CGT.

Conclusão.

Pode-se argumentar que a presença de opositores, a valorização de próceres da tradição liberal-democrática como Sarmiento e a conciliação de distintas correntes de pensamento como defende Güemes pretendiam manter os antigos leitores do jornal, antes da expropriação.

Sem descartar completamente essa possibilidade, não pode ser ignorado que essas estratégias eram direcionadas aos setores populares. Ainda no *La Prensa* publicado em 10 de fevereiro de 1954, Cátulo G. Castillo enalteceu “o trabalho que em favor da cultura argentina” realizava o jornal, pois o jornalismo seria “(...) una herramienta invaluable para orientar la cultura de cualquier país, a través (...) de su *fácil acceso a las masas* [grifo meu].” Por isso refutamos trabalhos que associam os setores populares argentinos de meados do século XX somente ao folclórico/rural ou que os dissociam da tradição liberal-democrática do país.

Inúmeros outros exemplos poderiam ser desenvolvidos. Porém, os destacados no decorrer do texto já indicam a dificuldade do peronismo em conter a produção cultural de opositores, assim como a necessidade de mostrar que, pelo menos, haveria tolerância com nomes e entidades não alinhados, apesar das tensas relações com estes setores. O

La Prensa sob controle da CGT manifesta claramente suas preferências, ainda que, nas críticas, evite ataques diretos a nomes, periódicos e instituições diversas. Um exemplo demonstra essas tensões e sugere, inclusive, que a produção cultural alinhada com o governo seria marginal: em 11 de outubro de 1953, o jornal anuncia a fundação de uma nova editora argentina, alinhada com as principais características da política cultural peronista, a qual preencheria uma lacuna existente no país:

Dentro de pocas semanas se iniciará la edición de obras de teatro de autores argentinos, con el nuevo sello "Losanje". Es ésta una editorial planeada y dirigida por gente de la nueva promoción, bien inspirada con respecto a los autores locales, tan dejados de lado por las casas editoras instaladas en el país [grifos meus].

Assim, apesar das dificuldades e hostilidades, os escritores e os intelectuais antiperonistas continuaram produzindo durante o governo de Perón. É importante ressaltar que isso não deve ser visto como um exemplo de que o governo peronista era democrático: para mencionar Borges mais uma vez, em 1946, o escritor foi transferido da Biblioteca Municipal Miguel Cané, na qual trabalhava, para o cargo de fiscal de feiras de Buenos Aires, segundo o escritor, por ter apoiado os Aliados na Segunda Guerra Mundial. Diante da inusitada transferência, Borges pede demissão e passa a fazer conferências para sobreviver. (VÁZQUEZ, 1999). Paradoxalmente, conferências como as anunciadas pelo *La Prensa* sob controle da CGT. Em 1948, Borges ainda teve a irmã Norah e a mãe Leonor presas por terem participado de um protesto em Buenos Aires contra o governo. Enfim, cabe inserir a necessidade de o governo parecer democrático a partir de uma rearticulação da tradição liberal-democrática argentina durante a Segunda Guerra Mundial e diante da eleição de Perón, inclusive junto aos setores populares.

Fontes.

BENÍTEZ DE CASTRO, C. De Rabindranath a Pandit Nehru. *La Prensa*, Buenos Aires, 23 de agosto de 1954.

¿Cómo escribe sus poesías Gabriela Mistral? *La Prensa*, Buenos Aires, 29 de dezembro de 1953.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 29 de maio de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 1º de julho de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 5 julho de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de julho de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 19 de julho de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 2 de agosto de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de agosto de 1954.

CONFERENCIAS. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de setembro de 1954.

CORTAZZO, A. P. Sarmiento y el teatro. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de setembro de 1954.

Distinción a Gabriela Mistral. *La Prensa*, Buenos Aires, 6 de setembro de 1954.

“El sueño de los héroes” por Adolfo Bioy Casares. *La Prensa*, Buenos Aires, 16 de janeiro de 1955.

Encomia la Comisión N. de Cultura la Labor Educativa de LA PRENSA. *La Prensa*, Buenos Aires, 10 de fevereiro de 1954.

FERNANDEZ, J. R. Evocación de Sarmiento. *La Prensa*, Buenos Aires, 15 de fevereiro de 1953.

FERRI, O. Cuando Sarmiento “fusiló” un colegio. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de setembro de 1954.

GÜEMES, J. A. ¿Que es lo definitorio en “lo nuestro”? *La Prensa*, Buenos Aires, 5 de fevereiro de 1954.

La Prensa, Buenos Aires, 11 de outubro de 1953.

La Prensa, Buenos Aires, 29 de dezembro de 1953.

La Prensa, Buenos Aires, 2 de junho de 1954.

La Prensa, Buenos Aires, 14 de junho de 1954.

La Prensa, Buenos Aires, 4 de junho de 1955.

MISTRAL, G. El Niño Solo. *La Prensa*, Buenos Aires, 22 de fevereiro de 1953.

Ofrenda Lírica (Gitanjali) por Rabindranath Tagore. *La Prensa*, Buenos Aires, 11 de janeiro de 1953.

Recuerdos de mi Vida por Rabindranath Tagore. *La Prensa*, Buenos Aires, 18 de fevereiro de 1953.

Tributóse un Homenaje A Rabindranath Tagore. *La Prensa*, Buenos Aires, 12 de agosto de 1955.

Referências bibliográficas.

BELSUNCE, C. A. G.; FLORIA, C. A. *Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Larousse, 1992. v. 2.

- BISSO, A. *Acción Argentina: un antifascismo nacional en tiempos de guerra mundial*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- CIRIA, A. *Política y cultura popular: la Argentina peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.
- FIORUCCI, Flavia. ¿Aliados o enemigos? Los intelectuales en los gobiernos de Vargas e Perón. *Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 15, nº 2, julho-dezembro de 2004. Disponível no site: <www.tau.ac.il/eial/XV_2/fiorucci.html>. Acesso em: 2 maio 2005.
- FIORUCCI, F. Reflexiones sobre la gestión cultural bajo el peronismo. *Nuevo Mundo Nuevos Mundos*, 10 de fevereiro de 2008. Disponível no site: <<http://nuevomundo.revues.org/index24372.html>>. Acesso em: 9 julho de 2008.
- KING, John. *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970)*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- PLOTKIN, Mariano. *Mañana es San Perón*. Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007.
- SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- VÁZQUEZ, M. E. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Rio de Janeiro: Record, 1999.